

# diálogos

## no espaço democrático

**CHINA quer ser  
potência econômica global,  
não xerife do mundo**



Conversa com

**MARCUS VINICIUS DE FREITAS**

Professor visitante da  
Universidade de Relações Exteriores  
da China (Beijing)



**diálogos no espaço democrático** são publicações do Espaço Democrático, a fundação para estudos e formação política do PSD

## **POR QUE TAIWAN É PUNTO ESTRATÉGICO IMPORTANTE PARA A CHINA**

**P**rofessor visitante da Universidade de Relações Exteriores da China, em Pequim, e profundo conhecedor do espírito chinês, Marcus Vinicius de Freitas falou em fevereiro de 2023 aos consultores do Espaço Democrático sobre vários aspectos do atual cenário político e econômico da maior potência asiática. Por exemplo, a reivindicação de soberania sobre Taiwan, a ilha de 23 milhões de habitantes localizada a apenas 160 quilômetros de sua costa. Para ele, os chineses sabem que uma solução militar geraria instabilidade global.

Sobre o futuro da China, ele afirmou que o país não tem a ambição de exercer influência geopolítica e ser uma espécie de xerife do mundo, mas não abre mão de ser uma grande potência econômica.

**Marcus Vinicius de Freitas** foi o entrevistado do programa Diálogos no Espaço Democrático que foi gravado durante reunião on-line da fundação do PSD. A conversa foi conduzida pelo jornalista **Sérgio Rondino**, com a participação dos consultores **Vilmar Rocha, Januario Montone, Luiz Alberto Machado, Rafael Auad e Tulio Kahn**. Esta publicação contém a íntegra daquela conversa.

Boa leitura.



*Para assistir ao vídeo,  
aponte a câmera do celular  
para este código*




**Sérgio Rondino** - Este é o primeiro Diálogo no Espaço Democrático de 2023, produzido pela fundação de estudos e formação política do PSD, o Partido Social Democrático. Hoje vamos tratar de um país de economia tão gigantesca quanto a sua população, um parceiro do Brasil cuja atividade tem forte influência na vida dos brasileiros: a China. Quem vai conversar conosco sobre esse tema é **Marcus Vinícius de Freitas**. Professor de relações internacionais, ele é professor visitante da Universidade de Relações Exteriores da China, em Beijing, e senior fellow do Police Center For The New South de Rabat, no Marrocos. Professor, seja muito bem-vindo ao Espaço Democrático.

**Marcus Vinícius de Freitas** - É um prazer estar com vocês para conversar sobre um tema tão interessante e particularmente importante para o momento econômico do Brasil e do mundo.

**Sérgio Rondino** - Participam desse diálogo dois integrantes do Espaço Democrático: **Luiz Alberto Machado**, economista, e **Vilmar Rocha**, professor da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Goiás, ex-deputado federal. Também enviaram perguntas três consultores do Espaço Democrático: **Januario Montone, Rafael Auad e Tulio Kahn**.

Professor Marcus Vinícius, foi noticiado recentemente que a população da China caiu pela primeira vez em cerca de 60 anos. O país tinha em 2022 pouco mais de um bilhão e quatrocentos milhões de habitantes. Oitocentos e cinquenta mil a menos do que em 2021. Pergunta inicial da nossa conversa: que tipo de impacto isso pode ter naquele gigante asiático?

**Marcus Vinícius de Freitas** - Quando a gente vê essa notícia... O mundo inteiro se colocou em polvorosa com relação à possibilidade de a China

 CLARO QUE A CHINA GOSTA DE SER O PAÍS QUE MAIS GENTE TEM, MAS NÃO PODEMOS ESQUECER QUE O CONTINENTE QUE VAI TER MAIS GENTE NO FINAL DESTES SÉCULO É O AFRICANO. ALGUNS ECONOMISTAS VÃO DIZER QUE UM PERIGO QUE A CHINA PODERIA ENFRENTAR, MUITO SEMELHANTE AO BRASIL, É A SITUAÇÃO DE VOCÊ FICAR VELHO ANTES DE FICAR RICO. E É POR ESSA RAZÃO QUE ELA PRECISA DE UMA MASSA MAIS JOVEM PARA TENTAR SUSTENTAR TUDO ISSO.



perder a sua posição de primeira maior potência em matéria de população global. Inclusive, muita gente falando da Índia, da ascensão e do crescimento populacional, e eventualmente a Índia se transformando no país com mais gente no mundo.

Mas isso não é uma preocupação para os chineses. Claro que a China gosta de ser o país que mais gente tem, mas não podemos esquecer que o continente que vai ter mais gente no final deste século é o africano. Alguns economistas vão dizer que um perigo que a China poderia enfrentar, muito semelhante ao Brasil, é a situação de você ficar velho antes de ficar rico. E é por essa razão que ela precisa de uma massa mais jovem para tentar sustentar tudo isso.

Mas o processo não é único da China. O crescimento demográfico, à exceção do continente africano, tem sido negativo praticamente em todo o mundo. O continente europeu é um problema. E o Japão é outro problema, com a perspectiva de que, em 2050, se não me engano, terá dois terços da população atual. Então, esse decréscimo demográfico é uma preocupação global. Mas o fato é que, por outro lado, há um investimento maciço semelhante àquele que o Japão tem feito em tecnologia para tentar resolver muitos desses problemas e assegurar ainda o crescimento econômico.

Então, é uma preocupação, mas não com a ênfase que a gente vem notando nas notícias - "ah, a China está perdendo a posição". Até porque, quando eu comparo China e Índia, temos de convir que a Índia tem um longo caminho a percorrer em matéria de desenvolvimento econômico. Basta olhar para os números de PIB per capita de um e de outro.

**Vilmar Rocha** - Professor Marcus Vinícius, eu vou fazer duas perguntas em uma. Muito fácil de responder, objetiva. Em que dia, mês, ano e hora a China vai invadir Taiwan, a província rebelde? (risos) Essa é a primeira. E a segunda: o que anda pas-



sando pela cabeça da nomenclatura chinesa com relação à estratégia da China, do ponto de vista da geopolítica mundial? Eles querem ser uma potência regional na Ásia ou têm a pretensão estratégica de ser uma potência global?

Com relação à primeira, eu chefei uma delegação parlamentar nos anos 2000 à China. Era uma outra China e fiquei impressionado com a insistência com que eles repetiram na nossa cabeça, em todos os contatos, sobre a província rebelde, que aquele é um objetivo permanente do país, que mais cedo ou mais tarde a província rebelde seria enquadrada. Então, é um objetivo permanente da China.

**Marcus Vinícius de Freitas** - Bem, sobre a data...

Eu também não posso dar o RG e o CPF de quem vai ordenar esse tipo de ação militar (*risos*). O meu lado mãe Diná não funciona muito nesse aspecto. Mas o que eu digo é o seguinte: nós temos que levar em consideração Taiwan sob duas leituras importantes. Primeiro, é um legado da Guerra Fria que a gente vê se perpetuando naquela região do mundo justamente porque existe uma tentativa dos Estados Unidos e do Ocidente de enfraquecer a China. Criam essa pedra de tropeço constante com relação a Taiwan, inclusive com a visita da Nancy Pelosi (*ex-presidente da Câmara dos Representantes dos EUA*) e toda essa

situação que os Estados Unidos usam para criar alguns embaraços para a China. Mas pense assim, Vilmar: olhe para aquela região e imagine Taiwan como sendo um ponto importante, até do ponto de vista militar, porque todo o comércio internacional da China se faz por aquela costa do Pacífico. Então, não faria sentido para os chineses permitir que aquela ilha ficasse sob domínio estratégico dos Estados Unidos, assim como aconteceu com Cuba, na famosa crise dos mísseis, quando os soviéticos quiseram colocar armamentos nucleares em Cuba, o que inviabilizaria muito do comércio internacional dos Estados Unidos através do Golfo do México.

Então, é uma situação parecida, à qual os norte-americanos se opuseram ferrenhamente, quase levou a uma guerra mundial. É o caso de Taiwan também. Eu vejo essa situação como um legado da Guerra Fria, de tentar manter constantemente essa situação de incômodo e de colocar uma pedra no sapato dos chineses.

Em segundo lugar, há também a questão do silício. Não do silício, mas do Vale dos Chips. Taiwan tem uma grande produção de chips, que é globalmente importante, material que a China não produz ainda, mas está fazendo investimentos enormes, vultosos, nessa direção.

Mas o aspecto fundamental também é uma questão histórica. Em 1949, quando houve a separação da China continental, a República Popular da China, da República da China, o objetivo das duas, dos dois processos, era que eventualmente haveria uma reintegração. A República Popular da China seria reintegrada a Taiwan, se Taiwan tivesse vencido ideologicamente a China continental, e o oposto se daria. Só que nós temos essa questão se arrastando desde 1949, e **Mao Tsé Tung** obviamente não quis invadir Taiwan porque na ocasião não fazia sentido geopoliticamente. E hoje também o próprio presidente **Xi Jinping** não tem o objetivo de fazer isso porque geraria uma desestabilização na economia global. Todo mundo seria prejudicado.

E sempre aprendemos, quanto mais lidamos com os chineses, aquela famosa expressão do “tempo chinês”. Para quem tem 5 mil anos de história, esperar 100, 120 anos, não é grande coisa. E aqui eu conto sempre uma historinha de um aluno meu, chinês. Muito brilhante. Ele falou para mim: “Professor, há 150 anos o Império Britânico era o império onde o sol nunca se punha”. Semelhante àquilo que se falou da Espanha no passado. E ele dizia: “Eles fizeram duas guerras, era um estado narcotraficante, tentando vender ópio para a China”. E houve ali uma situação que criou um esquadramento da China, que foi dividida entre alemães, franceses, americanos, ingleses e japoneses, inclusive. E os chineses tiveram que expulsar um a um desses povos da região, só perderam um pedaço de território para Vladivostok, na Rússia. O interessante dessa história toda, e isso recordando o meu aluno, é o seguinte: 150 anos atrás os ingleses foram responsáveis por isso. Passados 150 anos, a China continua a China e o Reino Unido é somente uma ilha. Então, vemos aí a consideração do peso da História e a perspectiva de longo prazo das coisas.

Eu não acredito que veremos uma ação atabalhada da China nesse sentido porque até o caso da Ucrânia é diferente, até a Rússia teria algumas motivações em razão de quebra de acordos durante a Guerra Fria.

Já a segunda questão que você fez é particularmente importante. A gente não pode esquecer que a China não pretende ter a mesma posição dos Estados Unidos no sentido de uma hegemonia global, de determinar a agenda global. A China é um país que foi, historicamente - e o Machado, como economista, pode dizer isso melhor do que eu -, por 18 séculos, a maior economia do mundo. Esse fenômeno da China ser uma economia menor é um acidente, uma turbulência na História. Porque, se olharmos para a Rota da Seda, ela pegava produtos chineses e levava para a Europa, não era o contrário.

Então, quando notamos isso do ponto de vista histórico, vemos que a China e a Índia sempre foram países importantes, comercialmente falando. E a China quer retomar, isso é verdade, esse posicionamento de grande potência econômica, mas sem esta prerrogativa que os americanos têm de serem xerifes do mundo. Porque o DNA chinês nesse sentido é bem diferente daquele dos americanos. E aqui uma nota histórica: quando viajamos para a Europa, visitamos sempre museus, castelos, palácios, igrejas. Mas castelos são construções militares. A grande coisa da Europa, a grande contribuição do mundo europeu, sempre foi a questão da guerra. E num estudo que foi feito por alguns historiadores num determinado período da História, de 1300 até 1800, o continente europeu teve mais de 150 guerras, enquanto a China só se engajou em três. Então, o DNA é diferente, a situação é diferente, os chineses não podem ter uma corrida armamentista porque, diferentemente dos Estados Unidos, que têm como dois vizinhos Canadá e México, que nunca farão uma guerra com os Estados Unidos, a China é cercada de quatro potências nuclearmente armadas: Índia, Paquistão, Coreia do Norte e a própria Rússia. E há presentes ali, também, Japão e Coreia, que são as representantes dos Estados Unidos. Então, é muito mais difícil para a China querer ter o tipo de papel que os Estados Unidos tiveram, embora a questão da hegemonia econômica será uma realidade.

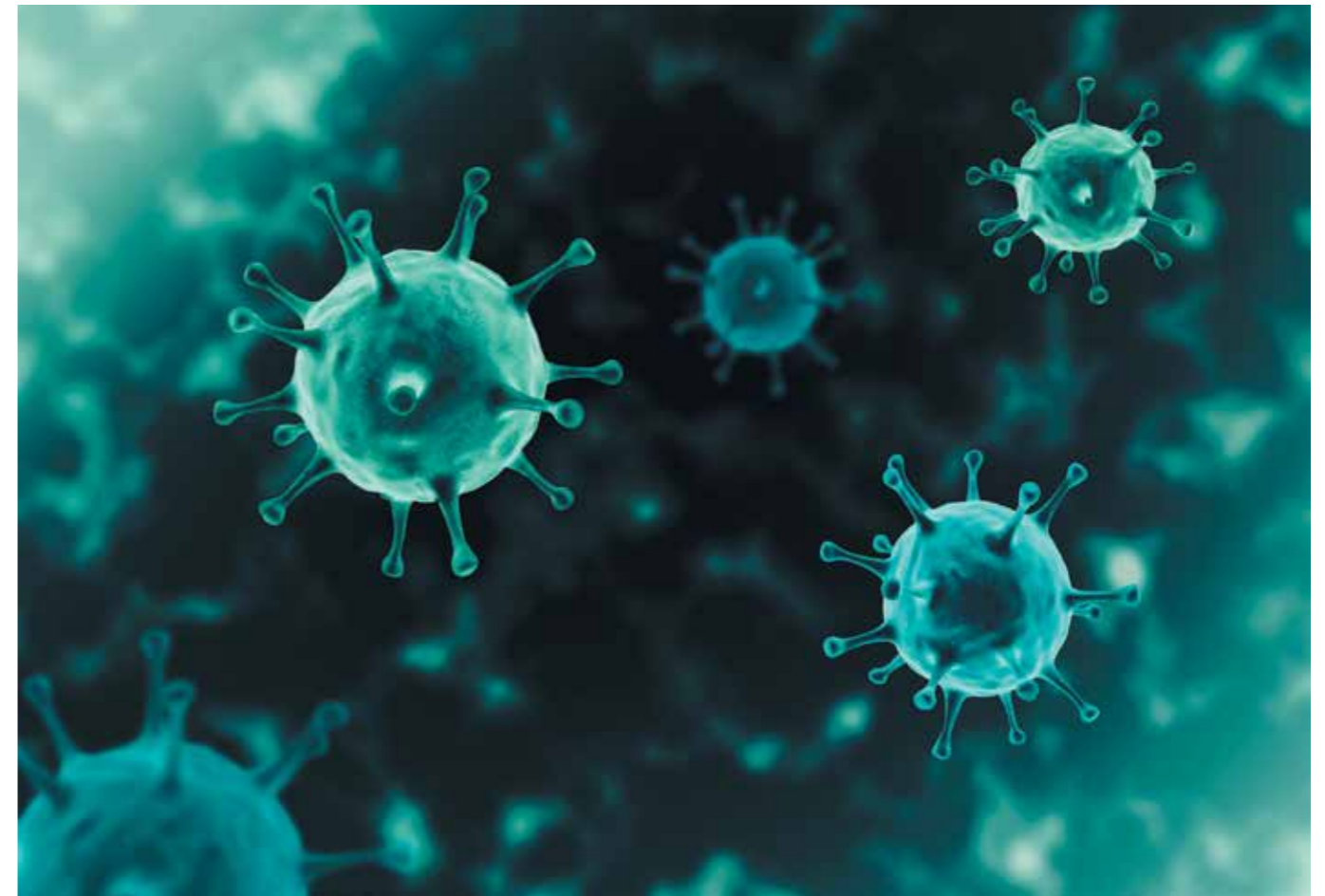


**Januário Montone** - Olá, professor. Eu gostaria de falar contigo sobre o coronavírus. O coronavírus

foi identificado inicialmente na China e provocou essa devastação pelo mundo todo, com milhões de mortes. Podemos dizer que a China foi o início, e num certo sentido foi o fim do ciclo da pandemia do coronavírus. O governo chinês adotou uma postura diferente do mundo inteiro, que foi a da Covid zero. Eu gostaria de ouvir a sua avaliação e qual o impacto não só na economia em si, mas na vida e no futuro chinês por essa decisão tomada pelos chineses para o enfrentamento do coronavírus. Muito obrigado.

**Marcus Vinícius de Freitas** - A questão da Covid é uma preocupação importante. Uma das coisas que se tem falado a respeito, e questionado, é justamente sobre uma desaceleração no crescimento da economia chinesa, os números ficaram abaixo daquilo que era a média histórica. Mas não podemos esquecer dois aspectos importantes. Em primeiro lugar, a China está ligada globalmente. A China se transformou na fábrica do mundo, e por ser a fábrica do mundo é afetada por aquilo que acontece no mundo. Se a Europa não cresce da maneira que deveria, ou se os Estados Unidos apresentam uma desaceleração no seu processo econômico, obviamente a situação da exportação chinesa como grande fornecedora mundial diminui. Isso é uma coisa até um tanto óbvia. E os chineses teriam, nesse processo, a possibilidade de utilizar o seu mercado doméstico, que é muito grande, para tentar manter o nível de crescimento econômico. E eu sempre digo que os chineses ainda estão arranhando a superfície do seu mercado doméstico.

Mas a realidade é que nessa situação, quando olhamos para o mercado doméstico chinês, eles também foram afetados pelas medidas de *lockdown* e de prevenção à Covid, mas não podemos esquecer que a China não tinha outra opção. Porque se eles não adotassem as medidas que adotaram no processo todo, o que nós poderíamos ter visto é



um número muito grande de chineses mortos. Se eles tivessem ali tentado replicar o que foi feito no Ocidente, a devastação seria muito maior porque não existe sistema de saúde no mundo que tenha a capacidade de ter médicos, enfermeiros e medicamentos para atender uma população tão grande.

E outra coisa... É por essa razão que eles fizeram essa política de *lockdown* e agora, nos últimos tempos, liberaram, porque a taxa de letalidade do vírus diminuiu bastante, o que não é exclusivo da China, isso é global. E uma coisa importante, também, nessa história toda, é que eles conseguiram se preparar um pouco. Mas mesmo assim, quando vemos algumas das reportagens, notamos que ainda não estavam totalmente preparados para uma situação complexa.

Agora, uma coisa que é importante enfatizar nessa situação toda é que, contrariamente àquilo que

a gente imagina - muita gente no Ocidente acha que o chinês faz tudo o que o governo manda - é impressionante a quantidade de pessoas, principalmente da terceira idade, que não se vacinaram, que optaram por não se vacinar, e o governo não fez nada nesse sentido. Então, aquela ideia de que o governo manda e todo mundo faz é um pouco equivocada e representa uma falta de conhecimento com relação ao que acontece na China.

A crise da Covid começou ali em Wuhan, e agora volta para a China, mas numa situação muito diferente. E a gente espera que a situação melhore por causa desse processo todo. O fato é - e aqui é uma nota de rodapé que é importante - que a guerra na Ucrânia, de alguma forma, estendeu o efeito econômico negativo da pandemia. A gente esperava que fosse terminar um pouco antes, mas isso prolongou por mais um ou dois anos o

impacto porque justamente um dos mercados consumidores principais dos produtos chineses é, sem dúvida, a Europa.



**Rafael Auad** - A China tem passado por uma nova onda de Covid que tem atrapalhado um pouco a cadeia produtiva do país. E ao mesmo tempo tem feito, ao longo dos últimos anos, investimentos tanto na África como em outros países, inclusive no Brasil, pesados na área de infraestrutura. Você enxerga no horizonte dos próximos anos a possibilidade de a China descontinuar um pouco a sua cadeia industrial nacional para começar a produzir também em outros países?

**Marcus Vinícius de Freitas** - A pergunta é extremamente relevante porque o que nós notamos é o seguinte: nos últimos anos a China ficou cara. A mão de obra chinesa encareceu. Eu me lembro de que, quando pensávamos na China, sempre achávamos que a mão de obra era barata, até porque o PIB per capita da China era muito pequeno comparativamente com o que acontecia no mundo. Quando eles iniciaram o processo de reforma e abertura, em 1978, a renda per capita da China era de U\$ 135 dólares e a do Brasil era de U\$ 1.700. E hoje a renda per capita da China está mais de U\$ 12 mil e o Brasil continua ali em U\$ 7 mil, U\$ 8 mil.

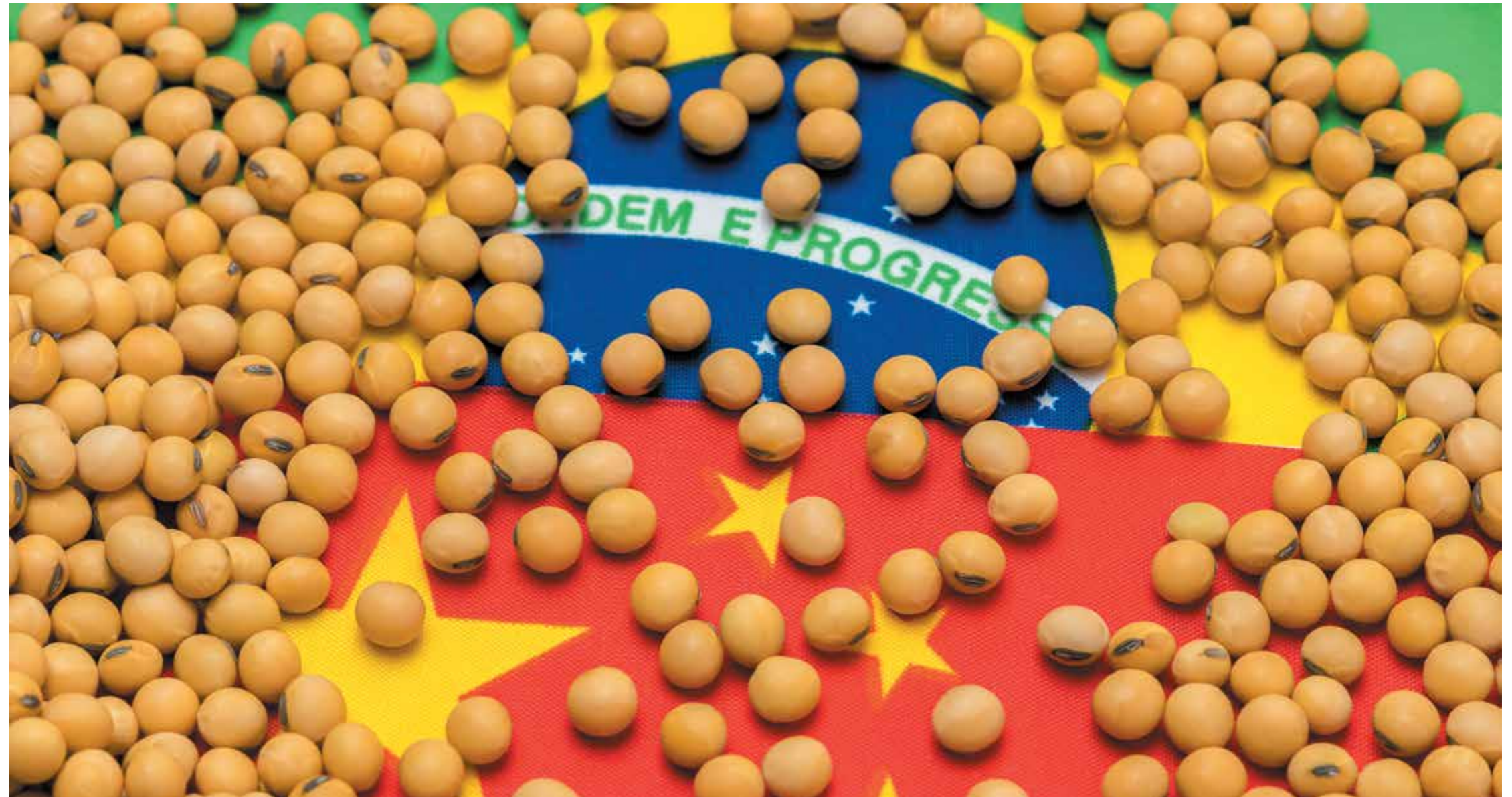
Nesse processo todo o preço da mão de obra chinesa ficou mais alto. E você tem que levar em



consideração o preço da mão de obra, mais o custo logístico, embora a China tenha feito a lição de casa com relação à redução do custo logístico com investimento abissal em trens, rodovias, tudo isso que ninguém fez como os chineses fizeram nos últimos 40 anos. Mas eles entendem que o preço da mão de obra chinesa está ficando caro e, por essa razão, têm terceirizado e aberto empresas chinesas inicialmente naquela região do Sudeste da Ásia. A gente pode notar, quando compra tênis, que são feitos em lugares como Malásia, Indonésia, Filipinas, também resultado de investimentos chineses nessa região. É obviamente que a última fronteira de mão de obra barata e de ascensão no crescimento demográfico é, sem dúvida, a África, que tem uma vantagem importante: está próxima dos mercados consumidores e há ali, também, um processo que será natural de melhoria na qualidade de vida e na questão do PIB per capita africano.

É por essa razão que, quando a gente olha para os investimentos chineses na África, eles estão voltados justamente para a construção de infraestrutura para que eventualmente possam utilizar a África e esses outros países como plataforma para que empresas chinesas operem e possam vender dessa região para outros lugares do mundo. É por essa razão que, no caso brasileiro, eu sempre digo o seguinte: a China e o Brasil não são concorrentes em muita coisa, até porque a China hoje em dia é um país totalmente industrializado. Eu sempre prego que seria interessante para o Brasil aprender a agregar valor às commodities e trazer empresas chinesas que agreguem valor a elas, que eles consomem a partir do Brasil. Assim nós conseguiremos elevar até a qualidade do comércio bilateral.

Então, é uma realidade, o preço da mão de obra chinesa tem subido e eles têm muito claro que vão necessitar de outros mercados para atuar.



**Tulio Kahn** - Há um antigo ditado que diz que não se pode colocar todos os ovos na mesma cesta porque se a cesta cai, perde tudo. A minha pergunta tem a ver com a vulnerabilidade do Brasil e os riscos que

isso apresenta em função da China ser o maior parceiro comercial brasileiro. O Brasil é um exportador de *commodities*. Se não me engano, 27%, 28% das exportações brasileiras estão direcionadas à China; nas importações, essa porcentagem ainda é um pouco maior, chegando a um terço. Então o meu medo, e acho que de muitos outros brasileiros, é sobre o que pode acontecer no caso, vamos dizer, da disseminação da epidemia da China ou outra eventualidade qualquer. O que pode acontecer com a economia brasileira dada essa enorme dependência do Brasil da China, tanto com relação às importações quanto as exportações.

**Marcus Vinícius de Freitas** - A vulnerabilidade do Brasil com relação à questão das *commodities*, na venda dos seus produtos para a China, não é exclusiva do Brasil. Nós temos três concorrentes nesta questão da venda de *commodities* para China. Nós competimos com Austrália, Canadá e Estados Unidos. E não podemos esquecer que uma das razões para os chineses comprarem soja no Brasil, comprarem grãos no Brasil, foi justamente para fazer *hedge* contra as importações que faziam dos Estados Unidos, baseados no histórico de que durante o período soviético os americanos fizeram embargo

contra a União Soviética na questão de grãos, e isso fez com que os soviéticos passassem por uma situação econômica e alimentar de instabilidade muito profunda. Eles aprendem muito com essas histórias e com aquilo que eles viram.

Mas não podemos deixar de observar que uma das coisas que o próprio presidente **Xi Jinping** falou no seu discurso de Ano Novo é uma ênfase muito grande na melhoria e na questão da produtividade no campo chinês. Isso é uma coisa que nós precisamos ter muito claro nesse sentido.

Agora, uma vantagem que o Brasil sempre vai ter, e eu sempre digo isso: nós deveríamos acender uma vela para que a China e o governo chinês, o Partido Comunista Chinês, alcancem o objetivo de uma renda per capita de 20, 25 mil dólares em 2049, o que seria extremamente disruptivo, globalmente falando. E o que os economistas podem afirmar de uma maneira até historicamente observada é que uma das primeiras coisas que as pessoas consomem quando têm mais dinheiro é proteína. E na China não há espaço suficiente para o desenvolvimento da pecuária como no caso brasileiro.

Nós temos algumas oportunidades, e eu sempre digo, também: se não quisermos somente depender das *commodities*, que nós possamos desenvolver indústrias que agreguem valor às *commodities*. E podemos já fazer isso de acordo com o gosto chinês.

Então, é um perigo dependermos só das *commodities* da China? Acredito que não, enquanto nós formos um parceiro que não cria problemas. Diferentemente da Austrália e Canadá, que têm que ter um alinhamento muito próximo dos Estados Unidos, até porque precisam, atuam em conjunto com aquilo que eles chamam de “Cinco Olhos” (EUA, Canadá, Reino Unido, Austrália e Nova Zelândia, eles agem conjuntamente na sua diplomacia em muitas situações). O Brasil tem uma coisa que o chinês respeita muito: um exército próprio, e isso é importante porque dá autonomia. Veja na questão da Ucrânia, a Alemanha não tem qualquer autonomia para decidir contrariamente

aos Estados Unidos, que têm base militar na Alemanha. O mesmo acontece com Portugal. O único país europeu que tem essa capacidade de determinar alianças próprias é a França, por causa do **De Gaulle**, que não queria ter esse tipo de dependência.

O Brasil tem exército próprio, o que é respeitado pelos chineses, e tem um contexto de liderança regional que, se bem utilizado, pode ajudar a canalizar outros fornecedores de *commodities* também a atuarem numa proximidade maior com a China, que é o grande comprador, o grande parceiro econômico da América Latina. Então, não vejo com preocupação, desde que nós saibamos entender claramente qual é o objetivo e a estratégia que pretendemos seguir no longo prazo.

**Luiz Alberto Machado** - Muito bom voltar a falar com você, que virou um cosmopolita, agora é professor de uma universidade chinesa, mas como tem sido obrigado a dar aula remotamente, tem viajado bastante pelo mundo inteiro. E um dos lugares onde você mais tem parado é na República da Geórgia, onde se tornou inclusive consultor empresarial. Ao contrário da China, de que todo mundo cansou de ouvir falar, a Geórgia vem passando por um momento muito favorável, com crescimento econômico bastante acentuado. Até onde eu tenho conhecimento, essas mudanças na Geórgia começaram em 2004, com **Mikheil Saakashvili**. Foram diversas reformas liberais. Eu queria que você falasse um pouco de lá, lembrando que a grande maioria das pessoas, quando ouve falar em Geórgia, pensa no Estado americano. Muito pouca gente tem informação a respeito da República da Geórgia.

**Marcus Vinícius de Freitas** - A Geórgia é um país muito interessante porque é pequeno, são 4 milhões de habitantes, mas de onde saiu um dos personagens mais famosos da História. O grande tirano da História nasceu em Gori, na Geórgia, estamos falando de nada mais, nada menos do que (**Josef Stalin**).



**Sérgio Rondino** - Será que eles gostam de lembrar isso?

**Marcus Vinícius de Freitas** - Eu visitei, inclusive, a casa do Stalin. Reminiscências da época soviética. Mas uma vez eu estava andando de táxi - só para fazer uma notinha de rodapé nesse anedotário internacional que a gente vai acumulando - e o motorista, fluente em inglês, falou: “Olha, a grande contribuição da Geórgia na política global foi com dois ditadores”. “Dois ditadores? O Stalin eu conheço, quem é o segundo?”. Ele falou: “O (*Recep Tayyip*) Erdogan, (*presidente*) da Turquia”. Porque a origem da família do Erdogan é de uma parte da Geórgia. Então, como ali é tudo perto, o Erdogan é de origem georgiana. Ele falou: “Esse é o grande legado da Georgia, politicamente falando. Dois ditadores, um sanguíneo e o outro nem tanto”. Mas continuam sendo ditadores.

A Geórgia cresceu muito este ano por causa da guerra na Ucrânia. Porque houve ali duas coisas

importantes. Um processo grande de imigração de russos que estavam fugindo da Rússia, como a gente viu nas reportagens. Mas também entrou muito dinheiro de russos que viviam na Suíça e que viviam no Reino Unido. Porque o Reino Unido e a Suíça adotaram políticas de expropriação do capital desses vários oligarcas russos e de russos que têm dinheiro nesses países. Então, o capital, como sempre é fluido e procura outros lugares, foi parar na Geórgia porque sempre foi considerada como o grande *resort* da União Soviética. Todos eles gostavam porque você tem ali cidades agradáveis, o Mar Negro... Então, a Geórgia sempre foi vista como um lugar apazível e que nunca teve, nunca ofereceu grandes resistências militares porque foi invadida pelos turcos, pelos persas... Por quem você imaginar, o país foi invadido.

O processo de transição do comunismo para o capitalismo foi muito complicado na Geórgia. O **Eduard Shevardnadze**, quando assumiu como segundo presidente, também enfrentou os seus



problemas, houve várias crises de corrupção e o Saakashvili tomou uma série de medidas e foi liberalizando a economia, foi criando práticas que o país não tinha com relação ao capitalismo - você sabe que ser capitalista não é uma coisa que acontece da noite para o dia, o próprio **Deng Xiaoping** dizia que você aprende a ser capitalista como se você estivesse cruzando um rio, tocando uma pedra por vez, pisando em cada ponto, justamente para não ter grandes problemas.

E a grande situação é que os países do Leste europeu não tiveram tempo de transição muito intenso porque muito do capital que eles esperavam que viesse do Ocidente já estava indo para a China, que entendeu que o comunismo não funcionava em 1978, 11 anos antes da queda do Muro de Berlim.

A Geórgia tinha vários problemas econômicos, o Saakashvili adotou uma postura liberal, de facilitar o pagamento de impostos, a atividade bancária, facilitar uma série de coisas para que o capitalismo ali florescesse. Mas o país tem as suas dificuldades. Produz vinho, não tem tantas alternativas assim, e está justamente buscando o seu DNA, buscando qual pode ser a grande contribuição da Geórgia para o mundo. Uma das coisas mais impressionantes que sempre falo - até quero escrever a respeito -, é que a Geórgia, depois, no período do Shevardnadze, depois daquele processo de queda e de começo da nacionalidade, teve problemas enormes de segurança. Mas enormes mesmo. Muitos georgianos falam que o Brasil, comparativamente, era muito mais seguro do que a Geórgia. Era naquela época. Você tinha assassinatos na rua, tinha um monte de coisa acontecendo, e o Saakashvili fez uma política na área penal, de tolerância zero, que transformou a Geórgia num dos lugares mais seguros do mundo. E era um país extremamente violento.

Então, hoje, como todo grande político do seu tempo na ocasião, ficou mais tempo do que deveria e começou a ter problemas de corrupção e, se não me engano hoje ele ainda está preso na Georgia - foi para



a Ucrânia, ficou um tempo, depois voltou. E o movimento que ele liderou, de alguma forma diminuiu no seu impacto, no seu alcance. Mas o fato é que ele ainda é uma liderança importante, a presença dele gera estabilidade política no país. Mesmo aqueles que se opõem a ele dizem que Saakashvili foi um divisor de águas na história da República da Geórgia.

**Sérgio Rondino** - Professor, só para complementar: a Geórgia é militarmente fraca ou poderosa? Ela tem um vizinho meio ambicioso...

**Marcus Vinícius de Freitas** - Eles são só 4 milhões de habitantes, então é muito pequenininho. O território é meio suíço, fica ali no Cáucaso, tem muita montanha, muita neve. Fez parte da União Soviética. E uma outra coisa importante, que a gente não pode esquecer, é que os russos já invadiram 20% do território da Geórgia. Tem uma região ao Norte que foi invadida numa guerra que durou 14 dias, até porque, na ocasião, os georgianos entenderam que fazer uma guerra contra a Rússia só ia representar um massacre. Então, falaram: "Quer? Pega 20%, não enche mais a nossa paciência e vamos continuar a vida que segue".

Mas há ali uma situação, entre os mais jovens, um pouco de ojeriza com o russo. É um relacionamento meio estranho, porque os grandes turistas da Geórgia são russos. A população antiga fala russo, o pessoal mais velho fala russo. A base da cultura econômica é Moscou em alguns aspectos, mas eles têm esse ranço que resulta do fato de os russos

terem invadido o território, tomado 20% de uma região muito bonita, que eles reclamam até hoje. Só que eles entendem que não dá para fazer muita coisa. Claro, muita gente vai dizer que uma das ambições da Geórgia é se tornar membro da União Europeia. Contra isso o (*presidente russo Vladimir*) Putin não tem grandes problemas, mas tem gente que fala: "olha, também devemos nos tornar parte da Otan". Aí, sim, você começa a ter uma situação muito mais complexa.

**Sérgio Rondino** - Professor Marcus Vinicius Freitas, muito obrigado pela sua participação aqui neste *Diálogo no Espaço Democrático*. Agradeço também aos meus colegas da fundação que participaram com suas perguntas. E deixo um espaço para a sua palavrinha final.

**Marcus Vinícius de Freitas** - Eu é que agradeço pela oportunidade. Agradeço ao professor Machado, que me conhece desde os 19 anos de idade, sempre me deu muitas oportunidades, foi meu diretor na FAAP, cidadão sensacional que abrilhanta qualquer lugar em que esteja. Eu sou extremamente grato a ele por todas as oportunidades que sempre me deu. É um prazer conversar com vocês sobre temas que eu acho importantes. Quanto mais a gente falar, mais as pessoas vão aprendendo e eu vou aprendendo pela oportunidade e pelo espaço. Que é democrático.

**Sérgio Rondino** - Muito obrigado, mais uma vez.



<p>Presidente <b>Alfredo Cotait Neto</b></p> <p>Coordenador Nacional de Formação Política <b>Raimundo Colombo</b></p> <p>Coordenador Nacional de Relações Institucionais <b>Vilmar Rocha</b></p> <p>Secretária <b>Ivani Boscolo</b></p> <p>Diretor Superintendente <b>João Francisco Aprá</b></p>	<p><b>Conselho Consultivo</b></p> <p>Presidente <b>Guilherme Afif Domingos</b></p> <p>Conselheiros <b>Alda Marco Antonio</b> <b>André de Paula</b> <b>Cláudio Lembo</b> <b>Omar Aziz</b> <b>Otto Alencar</b> <b>Rafael Greca</b> <b>Ricardo Patah</b></p>	<p><b>Conselho Superior de Orientação</b></p> <p>Presidente <b>Gilberto Kassab</b></p> <p>Conselheiros <b>Antonio Brito</b> <b>Belivaldo Chagas</b> <b>Carlos Massa Ratinho Junior</b> <b>Eduardo Braide</b> <b>Eduardo Paes</b> <b>Fuad Noman</b> <b>Guilherme Campos</b> <b>Letícia Boll Vargas</b> <b>Rodrigo Pacheco</b> <b>Samuel Hanan</b> <b>Topazio Silveira Neto</b></p>
---	---	---



[www.espacodemocratico.org.br](http://www.espacodemocratico.org.br)